



(IN)VISIBILIDADES DA DIFERENÇA E GÊNEROS NA ESCOLA: PROBLEMATIZAÇÕES (IM)PERTINENTES

Danielle Jardim Barreto¹

Rogério Amador de Melo²

Resumo: Entendendo o contexto escolar como um território amplo de encontros, afetações e atravessamentos sócio/político/cultural, emerge na atualidade diante das sugestões feitas para a implantação de disciplinas transversais e mudanças no próprio currículo e projetos políticos pedagógicos, problematizações sobre os saberes que agenciam este campo relacional no tocante as diferenças. Tendo como princípio que todo currículo tem seu caráter normatizador de modos de vida. Posta assim a questão, o presente trabalho tem como objetivo pensar num currículo que extrapole a lógica sexo/gênero/sexualidade, possibilitando-se pensar num currículo em movimento dentro de um posicionamento ético/político/estético da diferença.

Palavras-chave: Educação; Diferenças; Gêneros; Sexualidades.

Introdução

Sendo a escola um espaço materializado de produção de verdades e de institucionalização de saberes, e pensando com Michel Foucault que afirma que toda relação de saber gera poderes e vice versa, temos que concordar com Berenice Bento (2010) que relativo a diferença e experimentação do corpo temos muito poder para pouco saber, e esta relação produz a patologização da diferença e do gênero e sua conseqüente invisibilidade na escola. O processo de patologização dos gêneros constitui-se na produção de saberes que normalizam a lógica heteronormativa que é sócio-historicamente construída, ou seja, acredita-se que ser heterossexual é normal, o órgão reprodutivo naturalmente nos conduz ao desejo sexual pelo órgão reprodutivo oposto, criando o que chamamos de lógica sexo/gênero/sexualidade, que como já dito flui num único sentido.

¹ Mestre em Psicologia e Sociedade/UNESP Assis. Docente do Curso de Psicologia da Universidade da Paranaense – UNIPAR/Umuarama-Pr.

² Psicólogo. Aluno Especial no Programa de Pós-Graduação de Psicologia e Sociedade da UNESP/Assis-SP.



Guacira Lopes Louro (2007) nos diz que é este alinhamento que sustenta a heteronormatividade, e todo sistema educacional, de saúde, mídias, jurídico, etc, mediante um fluxo identitário normatizado. No título desta problematização, colocamos um parêntese, pois a diferença é vista e vivida na escola – como patologia, produzindo assim sua invisibilidade como possibilidade de experimentação de si. Podemos afirmar essa invisibilidade a partir de inúmeras pesquisas acadêmicas e também pesquisas como a realizada em 2009 pelo MEC INEP³ que objetivou analisar a abrangência e incidência do preconceito e da discriminação em sete áreas temáticas: étnico-racial, gênero, geracional, territorial, orientação sexual, socioeconômica, necessidades Especiais, nos dando a ver que há a incidência de preconceito em todas as áreas pesquisadas, onde 93,5% dos pesquisados demonstram preconceito de gênero e 87,3% de orientação sexual.

Partindo de tais pressupostos, nossa pesquisa se referirá a emergente necessidade de se pensar e problematizar possíveis estratégias pedagógicas que tenham em seu bojo caráter político-ético e emancipatório diante das demandas sociais que emergem no contexto social transmoderno. Pois não basta apenas atribuir aos currículos ou planos políticos pedagógicos disciplinas transversais, sem uma postura e um compromisso ético dos educadores e gestores educacionais (LOURO, 2004).

Conceituando diferença com Deleuze & Guattari:

Entendemos que os saberes produzidos na formação do (a) educador (a) está no campo das ciências humanas em suas diversificações de saberes. Estes saberes sobre/para o homem e a mulher só puderam configurar-se enquanto ciência quando estes são “criados” nas práticas discursivas da modernidade enquanto objeto do/para conhecimento. Os saberes produzidos sobre e para este homem/mulher não estão desconectados de um contexto sócio/econômico/cultural, permitindo que nos indaguemos sobre a produção de

³ Pesquisa sobre preconceito e discriminação no ambiente escolar. FIPE 2009.



quais verdades sobre a diferença e gêneros estão sendo enunciadas nos cursos de licenciatura e na escola.

A construção e uso de saberes sobre o homem e a mulher, estão fortemente vinculados às dicotomias saúde/doença, indivíduo/sociedade, a identificação psicodiagnóstica e cura das ditas anormalidades nos modos de viver contemporâneos, por isso a necessidade de visualizarmos as produções de saberes/verdades acerca da diferença e gêneros que são atravessados e produzidos pelas práticas educacionais. Entendemos as práticas pedagógicas como dispositivos disciplinadores e de controle, que produzem modos de estar no mundo, ou seja, práticas educacionais constituem territórios de subjetivação através da produção de verdades – poderes – resistências (LOURO, 2004).

A Filosofia da Diferença, com seus agenciadores Gilles Deleuze e Félix Guattari nos dá a ver a produção da individuação na transcontemporaneidade em territórios de subjetivação atravessados por linhas instituídas da normatização dos modos de viver, fazendo da diferença, uma anomalia no modo de ser humano.

Para os autores supracitados, em contraposição a produção de saberes sobre verdadeiro ou falso, é preciso analisar três questões para a criação de novos pensamentos, são elas: O que é notável? O que é interessante? O que é importante?

Partindo do pressuposto que no tocante a sexualidades e padrões heteronormativos de gênero e seus papéis, a questão moral enuncia-se com mais força, dentro da educação os referenciais teóricos e seus efeitos no processo de discurso de verdade sobre/para o sujeito precisam ser revistos a partir de uma demanda social que é dinâmica e epistemológica, buscando a enunciação de saberes que tentem pelo menos refletir sobre as questões acima citadas, para quem sabe agenciarmos a produção de pensamento sobre e para a diferença.

Entendemos diferença como um modo de estar no mundo em resistência as molaridades. Para Deleuze e Guattari (1996), somos compostos/atravessados/capturados por três linhas de segmentação: Linha molar – o instituído, do Estado, da forma dada”; linha molecular – “



agenciamento de movimento, de criação de fissuras na linha dura, a matéria inapreensível desse algo esta inteiramente molecularizado, em velocidades que ultrapassam os limiares ordinários de percepção” e linha de fuga – “igualmente real, linha que não admite qualquer segmento. Nem mesmo há forma – nada além de uma pura linha abstrata. É porque não temos mais nada a esconder que não podemos mais ser apreendidos” (DELEUZE & GUATTARI, 1996, p. 67-70).

As linhas agem e interagem consecutivamente, não há hierarquia nas linhas, mas agenciamentos de forças que fazem do corpo máquina de resistência ou de submissão às intensidades das afecções. As experimentações de si não são estruturais, pré-determinadas, existimos em territórios onde ora somos paralisados na captura de um desejo produzido maquinicamente pelas linhas do controle (as linhas molares), ora vazamos, escorremos pelas rachaduras criadas pelas linhas de fuga e existimos em diferença através da desterritorialização e retorialização propiciadas pelas linhas moleculares.

Para Deleuze (1992), a transformação da sociedade disciplinar para a sociedade de controle já estava prevista por Foucault, e neste processo já problematizavam a emergência dos corpos que resistiam ao maquinário institucional do disciplinamento, já analisando os efeitos nos processos de subjetivação na sociedade pós disciplinamento, Deleuze afirma sabiamente que:

Não se deve perguntar qual é o regime mais duro, ou mais tolerável, pois é em cada um deles que se enfrentam as liberações e as sujeições (...). Não cabe temer ou esperar, mas buscar novas armas. (DELEUZE, 1992, p.224).

Pensar diferença nos modos de existir é pensar que algo vazou. É pensar que houve um agenciamento que criou fissuras nos territórios de subjetivação capturados pelos sistemas consumo-controle das relações capitalísticas. Estes vazamentos nos territórios agenciam a produção de novas correntes metodológicas para pensar o que realmente interessa, o que é



notável e interessante, ou seja, a subversão das identidades, os inomináveis, as multidões *queer*. Preciado (2011) define:

A multidão queer não tem relação com um “terceiro sexo” ou com um “além dos gêneros”. Ela se faz na apropriação das disciplinas de saber/poder sobre os sexos, na rearticulação e no desvio das tecnologias sexo-políticas específicas de produção dos corpos “normais” e “desviantes”. (...) O que esta em jogo é como resistir ou como desviar das formas de subjetivação sexopolíticas. (PRECIADO, 2011, p.16).

As diferenças e as fronteiras nos currículos

A busca dos diversos campos da ciência para uma maior compreensão e minimização das discriminações sobre diferença e gênero, vem trazendo na atualidade discussões no contexto tanto dos direitos humanos, da bioética, da inclusão social, da educação e de um novo olhar e posicionamento das políticas públicas em relação a tais modos de existir que emergem nas relações sociais. As reflexões sobre diferença e gênero dentro da formação do licenciado têm grande pertinência, por seu objeto de estudo ser tão complexo e único, encontrando-se num território de espacialidade dinâmico de agenciamentos discursivos de saberes e verdades culturais, políticos e sociais.

Cumpramos assinalar que, a partir de tais reflexões a Educação como ciência, área de atuação e território de produções de saberes, começou a revisar e reavaliar sua prática dentro de um contexto epistemológico de formação, numa busca de ampliação e constituição de práticas e saberes que abarcassem o homem e a mulher em situações reais, engendrados por redes rizomáticas comunitárias, sócio-dinâmicas e institucionais. Podemos exemplificar essa articulação na produção de diretrizes específicas como:

- Diretrizes curriculares de gênero e diversidade Sexual da secretaria de estado da educação do Paraná na sua Resolução nº. 2, de janeiro de 2012 Define Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio com destaque para:
 - Art. 5º O Ensino Médio em todas as suas formas de oferta e organização, baseia-se em:
 - VII - reconhecimento e aceitação da diversidade e da realidade concreta dos sujeitos do processo educativo, das formas de



produção, dos processos de trabalho e das culturas a eles subjacentes;

- Art. 16. O projeto político-pedagógico das unidades escolares que ofertam o Ensino Médio deve considerar:
 - V - comportamento ético, como ponto de partida para o reconhecimento dos direitos humanos e da cidadania, e para a prática de um humanismo contemporâneo expresso pelo reconhecimento, respeito e acolhimento da identidade do outro e pela incorporação da solidariedade;
 - XV - valorização e promoção dos direitos humanos mediante temas relativos a gênero, identidade de gênero, raça e etnia, religião, orientação sexual, pessoas com deficiência, entre outros, bem como práticas que contribuam para a igualdade e para o enfrentamento de todas as formas de preconceito, discriminação e violência sob todas as formas (BRASIL, 2012).

Posta assim a questão, ressaltamos que, diretriz etiológicamente significa *lat.tar. directrix, ícis 'linha diretriz, conjunto de princípios e normas'*. Desta forma podemos afirmar que mudanças nas linhas de formação, signifiquem mudança nos princípios do sistema de produção do pensamento – verdades para/na Educação.

Pensar então, na formação de educadores demanda não mais desassociarmos a produção de subjetividade e seus agenciamentos, dos dispositivos relacionais que emergem das práticas, das implicações políticas, dos saberes e das dimensões simbólicas constituintes do humano.

Conforme ratifica Miskolci e Simões (2007), os embates e problematizações no tocante a sexualidades e gênero, nos levam ao enfrentamento, ao confronto e muitas vezes à resistência advinda de paradigmas construídos epistemologicamente por receio a uma suposta degeneração do que já está estabelecido e naturalizado. Deste modo, os currículos e os temas transversais que oferecem as temáticas aqui mencionadas, não somente oferecem um campo teórico de conhecimento, mas direta ou indiretamente interferem na produção de subjetividade de um coletivo que traz consigo o engendramento de discursos sociais advindos de instituições como a família, a igreja, a escola e o campo de trabalho.

A política sustentada por esse paradigma institui processos de individuação dos sujeitos, colando-os a uma identidade única ao mesmo tempo em que a generaliza através dos mecanismos de comparação. Este modo normatizado de existir no mundo se dá num território capitalístico liberal,



definindo o liberalismo como o apelo à razão sob forma de individualismo que o sujeito racional, como fonte do conhecimento, significação, autoridade moral e ação.

Enquanto as formações de futuros e futuras educadoras não se posicionarem efetivamente no eixo da ética e estética da existência como obra de arte, provavelmente teremos ainda muito PODER e pouco SABER na educação brasileira. O currículo da diferença, bastante problematizado por autores como Tadeu Tomáz, Silvio Galo entre outros nos dá as pistas das possibilidades da educação enquanto campo de emancipação.

Não é uma tarefa fácil, diante dos contextos epistemologicamente reproduzidos e sustentados dentro de uma lógica binária e hegemônica da/sobre sexualidade e gênero. São estratificações que delimitam e agenciam não apenas as singularidades, mas também o entendimento que se tem sobre os corpos e suas possibilidades. Para Louro (2004), são estes atravessamentos seja de caráter religioso, político, cultural, etc., que no contexto educacional gerenciam os posicionamentos e os saberes/verdades que de uma forma ou de outra buscam “[...] tenazmente, conhecer, explicar, identificar e também classificar, dividir, regradar e disciplinar a sexualidade” (p. 79).

É neste território de afetações que a educação, bem como os profissionais que ali atuam, se encontra diante de realidades que outrora não resistia, ou melhor, não se colocava em resistência frente aos saberes/verdades instituídas como natural e normal. Porém, as subjetividades singulares de corpos dissidentes que nas fronteiras sociais começaram a transitar outros territórios, vêm a agenciar inquietações sobre tais discursos e posicionamentos sobre este corpo marcado culturalmente por um sistema falocêntrico de sexo/gênero/sexualidade.

Assim, pensar num currículo da diferença é problematizar esses atravessamentos que não são naturais, mas sim convenções sociais de ordem histórica. É refletir e re-visitá-las não somente teorias e métodos educacionais, mas principalmente posicionamentos éticos diante de um humano múltiplo, complexo e em processo. Para tanto, Marlucy Alves Paraíso afirma que pensar



num currículo da diferença, é ter um novo olhar sobre/para o mundo, é estar aberto ao notável, à criação de novos espaços de entendimento, de possibilidades:

Currículos que enquadram, que buscam incansavelmente a identidade, que “não engendram um personagem conceitual que valha a pena”, são desinteressantes. Se não trazem novidades para quem os vive, são pouco importantes. Mais interessantes e importantes são aqueles que desterritorializam, contagiam e provocam sensações: são os notáveis. Ser notável não é ser “correto”, “simpático”, “agradável”. Mesmo antipático, repulsivo, um currículo pode ser notável, ter estilo, compor, fazer fugir, deixar a diferença fazer os seus jogos. Para deixar a diferença continuar o seu trabalho é preciso: possibilitar o acontecimento em um currículo! Deixar vaziar! Fazer matilhas! Contagiar! Possibilitar um outro currículo; um currículo que pense com a diferença para ver, sentir e viver a vida em sua proliferação. Experimentar em um currículo: fazer currículo sem medo e sem programa. Arriscar! Com certas precauções, é claro, pois não podemos esquecer que a vida de muitos/as depende do currículo! Aventurar-se: aventurar junto com outras pessoas. Partilhar: coisas, afectos, sensações, desejos, aprendizagens... (PARAÍSO, p. 601-602).

É um movimento ético/estético da própria vida, onde os valores morais e pessoais não deixam de existir, mas não são mais os agenciadores de impossibilidades, de estratificações, de categorizações de certo/errado. Pois conforme afirma Gilles Deleuze (1992), tudo escapa, vaza, sempre há uma saída, um trajeto mesmo em meio às pedreiras; uma vida em devir, ou seja, num constante movimento sem lei.

Considerações Finais

Pensar na diferença e ao mesmo tempo, nas possibilidades e impossibilidades que o campo educacional pode agenciar, é de fato pertinente na atualidade quando nos deparamos com a (in)visibilidade subjetividade de determinados corpos, desejos e prazeres. São estratificações que perpassam epistemologicamente a produção de saberes, metodologias e práticas educacionais delimitando espaços até mesmo de relações.



Deste modo, pensar então em estratégias que modifiquem esse quadro, é pensarmos nos dispositivos que retificam e afirmam esse posicionamento dentro do contexto escolar. É trazer para a discussão problematizações sobre os currículos e projetos políticos pedagógicos que nas suas especificidades tratam da temática relacionada a gênero e diferenças. Conforme enfatizado por Guacira Lopes Louro (2004), é um verdadeiro “estranhar”, inquietar a partir de demandas sociais de corpos em resistência as lógicas binárias e hegemônicas que determinam à normalidade.

Posta assim a questão, a partir de tais problematizações tem-se atualmente dentro deste contexto, pensado em um currículo que viabilize a diferença, o “intolerável”, que não mais se encontra as margens, e sim que transita e se insere nas instituições de ensino e em outros âmbitos sociais. Porém, não são articulações e/ou estratégias muito fáceis diante de uma realidade ainda capturada pelo sistema falocêntrico de sexo/gênero/sexualidade, que nos seus interstícios busca “corpos educados”.

Todavia, almejam-se não meramente mudanças curriculares e pedagógicas, pois as mesmas são ineficazes sem um posicionamento ético/político dos seus agenciadores. Assim, pensar num currículo emancipatório que viabilize a diferença é gerenciar possibilidades de entendimento e compreensão do humano nos seus mais diversos estilos de existência. É romper com categorizações identitárias, normatizadoras e naturalizantes do que se entende e se quer entender sobre/para sexualidades e gêneros no âmbito educacional.

Conforme pondera os filósofos da diferença, é criar fissuras para que o novo vaze nas suas mais variadas expressões de singularidades, construindo sempre espaços de emancipação que não se fecham, mas que estão sempre em movimento e des-construção.



REFERÊNCIAS

BENTO, B. Pouco saber para muito poder: a patologização do gênero. In: **Políticas de enfrentamento ao heterossexismo: corpo e prazer.** (Org). Fernando Pocahy. Porto Alegre: Nuances, 2010. 176p.

BRASIL. Pesquisa sobre preconceito e discriminação no ambiente escolar: princípios resultados. **FIPE.MEC/INEP**, 2009. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diversidade_apresentacao.pdf

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação - Câmara da Educação Básica. **Resolução n. 2 de 30 de janeiro de 2012.** Disponível em: <http://www.slideshare.net/dudabk/resolu-2-de-30-de-janeiro-de-2012-cne-ensino-mdio>

DELEUZE, G. **Conversações (1972-1990).** Trad. de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992.

_____. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**, vol. 3. Trad. de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

LOURO, G.L. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e a teoria queer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Trad. de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MISKOLCI, R.; SIMÕES, J.A. Quereres. **Cadernos Pagu.** Campinas, (28) jan/junho. 2007. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. Disponível em:
www.scielo.br/cpa

PARÁISO, M. A. Diferença no currículo. **Cadernos de Pesquisa**, v.40, n.140, p. 587-604, maio/ago, 2010. Disponível em:
www.scielo.br/pdf/cp/v40n140/a1440140.pdf

PRECIADO, B. Multidões *queer*: notas para uma política dos “anormais”. Trad. de Cleiton Zóia Münchow e Viviane Teixeira Silveira. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 19(1): 312, janeiro-abril, 2011. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2011000100002&script=sci_arttext